



“FALAR COMO ELES”: A LÍNGUA INGLESA COMO OBJETO DE DOMINAÇÃO

Bianca Almeida Vivas dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: biancahvivas@gmail.com

Sara Hellen Amorim Reis
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: hellenreisamorim@gmail.com

28

INTRODUÇÃO

A linguagem é uma inesgotável fonte de poder, por meio da qual é possível oprimir, subjugar e controlar, bem como emancipar e libertar os sujeitos, sendo ela própria, de acordo com Ducrot (1990 *apud* LEBLER; SANTORUM, p. 8, 2020), "uma forma de construir discursos". Ou seja, a língua e a linguagem se constituem como poderosas ferramentas de criação da realidade.

Não por acaso, dentre as várias formas de controle e opressão existentes está a imposição de uma determinada língua a um grupo, como ocorreu durante o período da Colonização das Américas, Ásia e África, no qual o colonizador impôs a língua da metrópole aos povos colonizados.

O motivo para a utilização desta tática parece ser bem claro. De acordo com Fanon (2008, p. 33), "falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir uma certa morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização", logo, falar a língua do colonizador é assumir a cultura do outro, silenciando a sua própria enquanto se incorpora àquela civilização cuja língua lhe foi imposta. Dessa forma, através da dominação linguística ocorre também uma dominação do próprio sujeito colonizado, uma vez que lhe é retirado, violentamente, todos os seus referenciais culturais.

Pensando nisso, este trabalho visa apresentar os aspectos dessa relação de poder acerca da imposição de uma língua sobre um determinado povo, com o objetivo de discutir como esse poder afeta a forma como percebemos o mundo através da imposição de uma realidade pelo colonizador.

Mais especificamente, iremos a imposição da língua inglesa, uma vez que ela passa por um processo único de expansão no atual cenário global: para além de ser uma língua franca, "o inglês se tornou presença comum em quase toda a paisagem linguística



desse mundo globalizado” (SIQUEIRA, p. 97, 2018). Dessa forma, ela é a língua de desejo de muitos. Por isso, pretendemos analisar o que é falar inglês e como essa visão é construída através de uma determinada estrutura de poder de origem colonialista.

METODOLOGIA

Devido a abrangência da pesquisa, os procedimentos que a nortearam foram:

(1) Levantamento de dados nas redes sociais Twitter e Facebook, através do mecanismo de busca no qual foram pesquisadas palavras-chaves tais quais “inglês”, “nativo”, “falante nativo”, “gringo” e “sotaque”. Após a triagem dos dados, foram selecionadas 2 postagens em formato de texto retiradas do Twitter e 4 prints de comentários em um vídeo do Facebook mostrando uma brasileira falando em inglês;

(2) Levantamento de aporte teórico que viabilizasse a análise dos dados;

(3) Análise dos dados, através da comparação dos posts da rede social Twitter e dos comentários no vídeo do Facebook com o aporte teórico, para entendermos de onde vêm os discursos presentes ali e como as estruturas de poder afetam a percepção das pessoas acerca do que é falar a língua inglesa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mais recentemente, e de maneira mais sutil, quase como um (neo) colonialismo moderno, é possível observar a invenção de uma língua global ou internacional pelo imperialismo ocidental, cuja escolha foi o inglês pelos avanços do imperialismo britânico e estadunidense (NDEBELE, 2006). Ou seja, estamos presenciando a imposição da língua inglesa como um bem cultural útil, desta vez, no entanto, através da expansão hegemônica de países anglófonos do Norte Global, especialmente os EUA (no âmbito econômico e cultural) (OLIVEIRA, 2017). Com base nisso, é necessário ver o inglês como língua franca e relativizar crenças como a de que a pessoa precisa atingir um determinado nível de proficiência para falar inglês bem (BRASIL, 2018, p. 242).

Para exemplificar a dimensão das questões políticas, Hoelzle e Pessoa (2017) citam Pennycook (2007) ao afirmar que

o inglês: é a língua da comunicação internacional, mas está profundamente envolvida nos processos perniciosos da globalização; promove desenvolvimento econômico e social para todas as pessoas que a aprendem, mas se relaciona a posições de classe e possibilidades de desenvolvimento muito particulares; é a língua de oportunidades iguais, mas cria barreiras tanto quanto apresenta possibilidades. (PENNYCOOK, 2007, *apud* HOELZEL; PESSOA, 2017, p. 783)



Ao pensar nesses aspectos e compará-los com os dados coletados através das plataformas de mídias sociais, observamos que apesar de haver um número crescente de estudos acerca da língua inglesa como língua global, ainda assim, persiste o discurso que prestigia o falante nativo. Neste ponto, especificamente, é necessário fazermos um adendo, não falamos de qualquer falante nativo, uma vez que o ideal do falante nativo tem, em seu cerne, a imagem do falante nativo "civilizado" como representante da língua (HOLLIDAY, 2006). Ou seja, existe uma concepção muito clara do que é ser falante nativo e ser o representante da forma como o idioma deve ser falado (PENNYCOOK, 2017), bem como de qual falante possui o privilégio de ocupar tal posição, alcançado devido ao seu status social e político (RAJAGOPALAN, 2009).

É possível, ainda, perceber como essa afirmação é verdadeira através de um dos posts coletados na rede social Twitter, no qual o sujeito além de afirmar que os sotaques existentes são os britânicos, australianos e americano, marginaliza o sotaque do sul dos Estados Unidos da América:



Figura 1

Para além dessa imagem, trazemos dois comentários em um vídeo de Facebook que mostram como qualquer pronúncia que fuja do *Standard English* são passíveis de ridicularização:

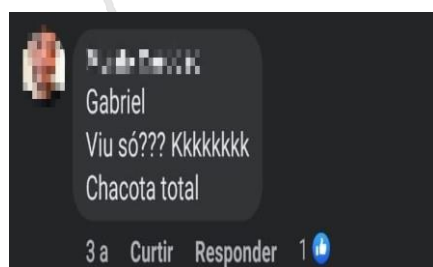


Figura 2

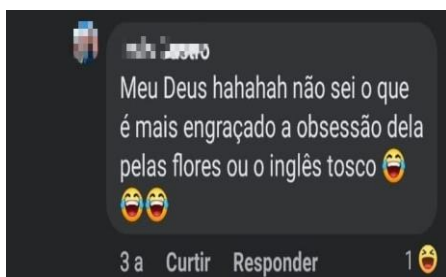


Figura 3

Tal percepção e necessidade de imitar a maneira como o “colonizador” fala, de acordo com Cruz (2016) ocorre porque os estudantes de língua inglesa (e aqui podemos incluir a sociedade como um todo) tentam ter acesso ao mesmo status que os sujeitos nascidos nestes locais. Dessa forma, quanto mais distante o falante estiver do *Standard English*, mais distante estará do status que britânicos e estadunidenses gozam em nossa sociedade.

Tendo em vista os dados coletados, portanto, foi possível perceber que, mesmo implicitamente, existe o desejo e a necessidade de falar tal qual “os donos da língua”, como ocorre com o Negro Antilhano de Fanon.

CONCLUSÕES

Retomando Fanon, para quem “falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p.33), é possível assumir que, enquanto houver uma estrutura (neo) colonial em voga, o aprendizado de qualquer língua que seja, especialmente quando esta língua é a do colonizador e quando fala-se com ele, será sempre em prol de tentar pertencer àquele grupo que de determinada maneira é considerado superior, considerado mais humano.

Dessa forma, enquanto, para Fanon, o Negro Antilhano se torna mais branco à medida que assume o francês como sua língua, para nós, o colonizado moderno se torna mais estadunidense (ou colonizador) à medida que assume a língua inglesa como sua também, falando exatamente como estadunidenses e britânicos.

PALAVRAS-CHAVES: Inglês. Nativo. Colonizador. Colonizado. Imperialismo.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CRUZ, G. F. da. Inglês como Língua Global: Reflexões sobre o Ensino Aprendizagem. **Fólio - Revista de Letras**, [S.I.], v. 8, n. 1, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3DlpsHf>. Acesso em: 28 abr 2022.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

PESSOA, R. R.; HOELZLE, M. J. Ensino de línguas como palco de política linguística: mobilização de repertórios sobre gênero. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 56, n. 3, p. 781–800, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/37OLicj>. Acesso em: 29 abr. 2022.

HOLLIDAY, A. Native speakerism. **ELT Journal**, [S.I.], v. 60, n. 4, p. 385-387, out. 2006 Disponível em: <https://doi.org/10.1093/elt/ccl030>. Acesso em: 29 abr 2022.

LEBLER, C. D.; SANTORUM, K. A teoria da argumentação na língua e a explicação do sentido do discurso. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 64, 2020. DOI: 10.1590/1981-5794-e11459. Disponível em: <https://bit.ly/3vtVqQv>. Acesso em: 12 abr 2022.

NDEBELE, N. S. The English Language and Social Change in South Africa. Separata de: **Rediscovery of the Ordinary: Essays on South African Literature and Culture**. Reissued (1st edition). South Africa: University of Kwazulu Natal Press, 2006. p. 101-123. *E-book*. Disponível em: <https://bit.ly/3oJ5q5G>. Acesso em: 20 abr 2022

OLIVEIRA, D. V. B. **Imperialismo Linguístico e o professor brasileiro de inglês: desatando nós, apontando caminhos**. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3aj4XP4>. Acesso em: 28 mar 2022.

PENNYCOOK, A. **The cultural politics of English as an international language**. Reissued. London-New York: Routledge, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://bit.ly/3Amhj3z>. Acesso em: 25 mar 2022.

RAJAGOPALAN, K. The Identity of “World English”. In: GONÇALVES, G.R. *et al* (org.). **New Challenges in Language and Literature**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. p. 97-107. *E-book*. Disponível em: <https://bit.ly/3BmHoAV>. Acesso em: 29 abr 2022.

SIQUEIRA, D. S. P. Inglês como Língua Franca Não é Zona Neutra, é Zona Transcultural de Poder: Por Uma Descolonização de Concepções, Práticas e Atitudes. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 19, n. 44, p. 93-113, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3MHc1pW>. Acesso em: 15 abr. 2022.